



**DEPARTAMENTO DE LETRAS
COORDENAÇÃO DE LETRAS E LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA
Reflexões sobre a modalidade de Ensino

MARIANE DA SILVA GUEDES

**GUARABIRA-PB
2017**

MARIANE DA SILVA GUEDES

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

Reflexões sobre a modalidade de Ensino

Trabalho apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Orientador(a): Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos.

**GUARABIRA-PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G924e Guedes, Mariane da Silva.
Educação de jovens e adultos - EJA [manuscrito] : reflexões sobre a modalidade de ensino / Mariane da Silva Guedes. - 2017.
30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, Não informado."

1. 1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Metodologia de Ensino. 3. Educação. 4. Aprendizagem Significativa..

21. ed. CDD 374

MARIANE DA SILVA GUEDES


EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

Reflexões sobre a modalidade de Ensino

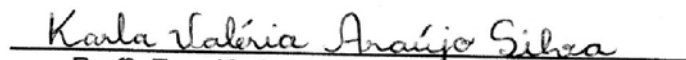
Trabalho apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Orientador(a): Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos.

Aprovada em: 27/07/2017.


Prof^a. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos | UEPB
Orientadora

Prof^o Dr^a. Francinete Fernandes de Sousa | UEPB
Examinadora


Prof^a. Esp. Karla Valéria Araújo Silva | UEPB
Examinadora

SUMÁRIO

Introdução.....	09
1.Educação de Jovens e Adultos: aspectos históricos.....	10
1.1 Formação Política da EJA.....	14
2 Letramento x Alfabetização: desafios do ensino aprendizagem da EJA.....	16
3 O ensino-aprendizagem de jovens e adultos no Brasil.....	18
3.1 Quem são os alunos da EJA?.....	18
3.2 O papel do alfabetizador.....	20
3.3As Práticas educativas e Pedagógicas da EJA.....	22
3.4 Planejamento dos professores da EJA: algumas considerações.....	24
4 Considerações Finais.....	26
REFERÊNCIAS.....	29

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA: Reflexões sobre a modalidade de Ensino

Mariane da Silva Guedes¹

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que oportuniza a jovens e adultos terem acesso aos estudos e concluírem a sua escolarização. Contudo, para que a Educação de Jovens e Adultos assuma de fato o caráter inclusivo, ela precisa oferecer aos indivíduos uma aprendizagem significativa, através de métodos adequados e professores capacitados para que possam transmitir os conteúdos módulos curriculares de maneira correta e, além de alfabetizar, formar cidadãos ativos e participantes na sociedade. O presente trabalho apresenta uma reflexão acerca dessa modalidade de ensino, buscando melhorias no processo de educação de jovens e adultos e procurando saber até que ponto essa educação é capaz de mudar a vida das pessoas que se sentem excluídas da sociedade. Por meio de uma pesquisa qualitativa, esse estudo serve como breves reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Para tal, buscou-se o conhecimento de teóricos que abordam aspectos da Educação de Jovens e Adultos, como: Freire(1996), Soares(2002), Moura(2011), Kleimman(1995), dentre outros. Optou-se por um estudo bibliográfico de caráter qualitativo feito através de livros, artigos e sites que apresentam conteúdos relevantes sobre a EJA, além de uma pesquisa documental na legislação que regulamenta a EJA no Brasil, com o objetivo de obter um aprofundamento no assunto e refletir sobre como a Educação de Jovens e Adultos é capaz de transformar a vida de muitas pessoas através de um aprendizado significativo e prazeroso.

Palavras-chave: EJA. Metodologia. Educação. Aprendizagem Significativa.

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que a educação de Jovens e Adultos vem sendo tema de discussões por intelectuais e programas educacionais. Durante muitos anos a EJA foi alvo do interesse das classes dominantes, que não visava a formação de um cidadão crítico-reflexivo para que através do conhecimento transformasse a própria realidade, o interesse maior era o de erradicar o analfabetismo, visto que o indivíduo precisaria ser alfabetizado para colaborar com a mão de obra das indústrias.

¹ Formando em Letras/Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob a orientação da Prof^aMa. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos. E-mail: maryane_guedes@hotmail.com.

Contrários a isso, alguns educadores propuseram pedagogias diferenciadas, vistas como libertadoras e, ente eles, podemos citar Paulo Freire.

Este trabalho tem por finalidade contribuir para uma reflexão do educador ou educando que se mostre interessado pela Educação de Jovens e Adultos, desdeo seu surgimento, as dificuldades enfrentadas, o perfil dos alunos e como acontece o processo de ensino e aprendizagem nessa modalidade de ensino.

De acordo com a LDB (Lei 9.394/96/artigo 37), cabe ao governo estimular o acesso da população a EJA e oferecer condições de funcionamento dignas para que sejam de fato efetivados os seus objetivos que são os de inclusão social e melhoria da qualidade de vida pessoal e profissional dos educandos (BRASIL, 1996).

Além de uma política educacional, a EJA é uma política social que oferece condições para que os indivíduos que não tiveram oportunidade de frequentar a escola ou de concluírem os estudos no tempo devido possam melhorar suas condições de trabalho, a sua qualidade de vida e sejam de fato vistos e respeitados na sociedade. Atravésdo comprometimentodo educador com os alunos, acredita-se que ele consiga superar os desafios ese tornar um mediador nesse processo de aprendizagem. Desse modo, os alunos poderão construir valores etornarem-se cidadãos ativos, críticos e conscientes de seu papel na sociedade, sendo de fato respeitados por ela.

Para o desenvolvimento deste artigo, contamos com o aporte teórico de alguns estudiosos sobre o assunto em questão, como Moura (2011), Freire (1996), Soares (2002), Kleiman (1995), entre tantos outros que analisaram e contribuíram com a Educação de Jovens e Adultos, reforçando ainda mais a importância dessa modalidade de ensino para a vida de muitos indivíduos.

Inicialmente, este estudo faz um breve histórico da EJA e sua formação política; em seguida, apresenta a diferenciação entre letramento e alfabetização; mais adiante faz uma explanação sobre o ensino-aprendizagem da EJA no Brasil, apresentando o perfil dos alunos, dos professores, além do planejamento e das práticas pedagógicas dessa modalidade de ensino.

1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ASPECTOS HISTÓRICOS

Para falar sobre a Educação de Jovens e Adultos é importante, antes de tudo, conhecer como tudo aconteceu desde o período colonial até hoje: o seu surgimento, os idealizadores e precursores da modalidade e todo o processo que a trouxe até a atualidade, desde as dificuldades, mudanças até a sua possível evolução. Dessa maneira, apresentamos a seguir um breve histórico sobre a EJA com a contribuição de estudiosos sobre o assunto, demonstrando que ela é uma educação inclusiva de extrema importância para a inserção ou reinserção de sujeitos sociais na sociedade.

1.1 A História da EJA

Inicialmente, a educação de jovens e adultos não contou com um incentivo realmente considerável do governo. Antes do Império, no período colonial, os jesuítas desenvolviam uma educação voltada mais para os adultos, baseada nas doutrinações religiosas, quando a educação não era ainda um dever do estado, mas, da Igreja.

Segundo Moura (2011, p.28)

A Educação básica de pessoas jovens e adultos no Brasil teve início no Brasil Colônia pela ação dos jesuítas apoiada pela sociedade civil e pela política, os jesuítas começaram suas atividades docentes em solo brasileiro alfabetizando adolescentes e adultos mais do que crianças sob forte influência do proselitismo religioso. O professor jesuíta recebia uma formação sólida com dupla função, catequizar e educar, resultantes de catorze anos de estudos, dentre os quais dois dedicados aos cuidados da sua própria alma, exercitando as virtudes cristãs e renunciando a si mesmo.

Com a proclamação da República, tentou-se organizar um sistema educacional gratuito e popular. Contudo, no início, essa política educacional não surtiu muito efeito; até a Primeira Guerra Mundial o modelo colonial persistiu. Porém, a partir de 1924, o País adotou reformas educacionais que possibilitaram a formação de uma nova consciência educacional, culminando na adoção de medidas importantes como: a criação do Ministério da Educação, a reorganização do ensino secundário e da educação superior.

O primeiro projeto educacional voltado para jovens e adultos no Brasil foi a *Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos*, especialmente da zona rural, que previa a alfabetização em três meses e a conclusão do primário num tempo bem menor que o normal, com um ensino unilateral e um educador que era voluntário ou tinha uma péssima remuneração. Tal projeto surgiu no intuito de aumentar a quantidade de eleitores, visto que o adulto analfabeto, na década de 40, não podia

votar e ser votado. Porém, a campanha foi alvo de muitas críticas e não se consolidou, sendo extinta em 1963; todavia, ela ajudou adiminuir um pouco a ideia preconceituosa de que trabalhadores não precisariam mais ser alfabetizados.

Em 1950, Paulo Freire, que sempre lutou pelo fim da educação elitista e por uma educação democrática e libertadora, sugeria uma nova pedagogia que levava em consideração a vivência e a realidade do aluno, o *Programa Nacional de Alfabetização de Adultos*, porém, apesar de ser o responsável pelo programa, foi exilado com o golpe militar, em 1964. Com isso, criou-se o *Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL*, um movimento conservador que visava uma alfabetização funcional de pessoas entre 15 e 30 anos, apenas com foco na leitura e na escrita, sem preocupação com a formação crítica dos educandos, diferente do que propunha Freire.

O projeto MOBRAL permite compreender bem esta fase ditatorial por que passou o país. A proposta de educação era toda baseada aos interesses políticos vigentes na época. Por ter de repassar o sentimento de bom comportamento para o povo e justificar os atos da ditadura, esta instituição estendeu seus braços a uma boa parte das populações carentes, através de seus diversos Programas. (BELLO, 1993)

O MOBRAL foi criado e mantido pelo regime militare a sua preocupação era que os alunos aprendessem a ler e a escrever, sem levar em consideração a busca pelo conhecimento, pelo senso crítico do ser humano. Ou seja, bastava aprender a ler, escrever e contar e o indivíduo já estava apto a melhorar de vida. Não era uma educação que estimulava o pensamento do sujeito social, mas uma educação vista como investimento e qualificação de mão-de-obra para o desenvolvimento econômico.

A LDB de 1961 alterou o currículo na educação de ensino básico; retirou a obrigatoriedade do ensino de língua estrangeira na escola básica em todo o ensino médio, deixando a cargo dos Estados a opção pela sua inclusão nos currículos do ensino fundamental, representando um retrocesso para o desenvolvimento do ensino LE no Brasil. A LDB 5692/71, reconhecia a educação de adultos como direito de cidadania. Nesta lei foi dedicado um capítulo específico para a EJA; e, em 1974, o MEC implantou o Centro de Estudos Supletivos – CES, um ensino tecnicista e autoinstrucional, que dava oportunidade de uma certificação rápida, porém, completamente superficial, sem compromisso com a formação do cidadão, apenas com a transmissão de conteúdos e realização de atividades do currículo.

Nos anos 80, foram desenvolvidos pesquisas e projetos relacionados à área de alfabetização de jovens e adultos. Em 1985 o MOBREAL foi extinto e surgiu, em seu lugar, a Fundação EDUCAR, instituída pelo Decreto nº 91.980, de 25 de novembro de 1985, nos termos do artigo 4º da Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, que tinha como objetivo promover programas de alfabetização e de educação básica a todas as pessoas que não tiveram acesso à escola ou não puderam concluir os estudos no tempo devido. Em 1988 a Constituição amplia o seu dever com a educação de jovens e adultos, garantindo o Ensino Fundamental gratuito e obrigatório para todos, inclusive para os que não tiveram acesso a ele na idade devida. A partir dos anos 90, os objetivos da educação no país vão sendo revistos. A denominação de Ensino Supletivo foi substituída por EJA. No entanto, essa alteração é controversa para alguns autores:

A mudança de ensino supletivo para educação de jovens e adultos não é uma mera atualização vocabular. Houve um alargamento do conceito ao mudar a expressão de ensino para educação. Enquanto o termo "ensino" se restringe à mera instrução, o termo "educação" é muito mais amplo compreendendo os diversos processos de formação (SOARES, 2002, p. 12).

O Parecer CNE/CEB nº 11 (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2000), das Diretrizes Curriculares para a EJA considera essa modalidade de ensino por suas funções: reparadora, pela restauração de um direito negado; equalizadora, de modo a garantir uma redistribuição e alocação em vista de mais igualdade na forma pela qual se distribuem os bens sociais; e qualificadora, no sentido de atualização de conhecimentos por toda a vida. (BRASIL, 2000, p. 30). A EJA está dentro da perspectiva da educação inclusiva, no momento em que oportuniza aos jovens e adultos a aprendizagem que no tempo devido não puderam ter.

Algumas iniciativas tornaram a EJA mais reconhecida em outros países. Ocorreram mobilizações em prol da EJA, parcerias com ONG's, municípios, universidades, grupos, fóruns estaduais e nacionais, e através de tudo isso a história da EJA, em 1997, começa a ser registrada no "Boletim da Ação Educativa". A LDB (BRASIL, 1996) garante igualdade de acesso e permanência na escola e ensino de qualidade, além da valorização da experiência extraescolar. O antigo Supletivo passou a se chamar EJA, além de ganhar amplitude e condições para preparar e inserir o aluno no mercado de trabalho.

Recentemente, com a EJA têm surgido novas iniciativas para garantir metodologias condizentes com o perfil educacional dos discentes. O Conselho

Nacional de Educação estabeleceu nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, Parecer nº 11, as funções e bases da EJA com base na LDB, PCN's e Diretrizes. O decreto nº 5. 478, de 24 de junho de 2005, institui o programa Nacional de Integração da educação profissional à Educação Básica na Modalidade de educação de Jovens e Adultos – Proeja, que abrange a formação inicial e continuada de trabalhadores e a Educação profissional Técnica de nível médio. No entanto, esse decreto foi revogado pelo Decreto n. 5840, de julho de 2006, que estabeleceu a obrigatoriedade do programa no âmbito das instituições federais de educação tecnológica.

O programa PROEJA faz parte das políticas educacionais; ele é destinado à formação inicial e continuada através da educação profissional técnica de nível médio, integrada à Educação Básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). Seu objetivo maior é oferecer saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos que complementam uma formação cidadã. Abrange três campos: o Ensino Médio, a Formação Profissional Técnica e a Educação de Jovens e Adultos.

Alguns eventos e fóruns são de grande relevância para o crescimento, fortalecimento e estruturação dos objetivos da EJA. Entretanto, é sabido que para que haja uma Educação eficaz e igualitária para todos é necessário que todas as áreas da educação sejam valorizadas, com recursos adequados, capacitação dos profissionais e melhorias no processo de ensino-aprendizagem.

1.2 Formação Política da EJA

O Brasil possui milhões de analfabetos, além de tantos outros milhões que não concluíram o ensino fundamental e médio no tempo adequado, que foram, por alguma razão, excluídos do sistema de ensino quando eram crianças ou adolescentes, pois “a taxa de analfabetismo entre brasileiros com 15 anos ou mais em 2014 foi estimada em 8,3% (13,2 milhões de pessoas), segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No ano de 2013, esse indicador havia sido de 8,5% (13,3 milhões). O número de analfabetos é maior do que a população inteira da cidade de São Paulo, cerca de 12 milhões de pessoas, segundo estimativa do IBGE”.²

²Informações disponíveis em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/11/taxa-de-analfabetismo-cai-43-pontos-percentuais-em-14-anos-diz-ibge.html>>.

Diante de tudo isso, a EJA possui um grande desafio educacional: possibilitar a esses indivíduos analfabetos a possibilidade de serem alfabetizados e inseridos na sociedade com uma formação não apenas da leitura e da escrita, mas crítica e reflexiva. Todavia, ainda não há por parte do governo um incentivo adequado para que essa modalidade de ensino desenvolva seu trabalho de maneira eficaz e coerente, possibilitando a formação de indivíduos que se sentem marginalizados numa sociedade que exclui os que não sabem ler e escrever. Há muito desinteresse por parte do governo e escassez de recursos para a educação de jovens e adultos. Os estados e municípios acabam muitas vezes por desconhecimento da modalidade pelo próprio gestor público, dando preferência apenas à educação de base – a educação infantil, deixando a EJA fora do contexto educacional. Isso dificulta a evolução do processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Os problemas do país são enormes, são desigualdades que extrapolam as possibilidades de criar estratégias de ensino de qualidade nas instituições escolares. Paulo Freire, em uma de suas marcantes frases, afirmava que “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p.67).

O Parecer nº 11/00 do CNE diz que*:

[...] a Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso ao domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas.

Quando se trata de educação para os jovens e adultos, se fala da possibilidade de colocar o indivíduo analfabeto em pé de igualdade com os demais indivíduos que tiveram a possibilidade de concluir seus estudos do tempo devido. A EJA é fundamental na inclusão de indivíduos na escola, conseqüentemente para a atuação deles na sociedade. O seu público potencial são milhões de brasileiros, cidadãos diretamente afetados pelas políticas públicas, eleitores, chefes de família e pagadores de impostos que, por direito, devem ter a oportunidade de concluir a educação básica e chegar até a universidade.

*Documento que apresenta diretrizes para a educação de jovens e adultos (EJA). A EJA, de acordo com a Lei 9.394/96, passa a ser uma “modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio, usufruindo de uma especificidade própria”.

O que deve ser levado em consideração é que não basta frequentar uma escola, os jovens e adultos precisam encontrar no ambiente escolar um plano pedagógico condizente com as suas necessidades e limitações. Não se trata de imposições, de querer que os alunos tenham a visão de mundo que o professor tem, mas de trazer os conteúdos e reflexões necessárias, para que esses cidadãos possam desenvolver a criticidade e construam suas próprias opiniões diante do mundo político e social que os cercam. É preciso que haja um desenvolvimento de um “letramento político-cidadão” com foco nas práticas sociais dos indivíduos, ou seja, apresentaro sistema político e as relações de poder, as questões socioambientais, as diversidades, as desigualdades e conflitos sociais e os direitos humanos. Isso é, de fato, avançar no que diz respeito a uma efetiva educação política, para que a democracia deixe de ser privilégio de poucos.

Diante do que foi exposto, percebe-se a importância de investir não só na educação infantil, mas também na educação de jovens e adultos, sobretudo voltada à qualificação profissional que, além de levar outra leitura de mundo para esses indivíduos, proporciona a possibilidade de inserção ou reinserção deles no mercado de trabalho.

2. LETRAMENTO x ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS DO ENSINO APRENDIZAGEM DA EJA

Ainda há muita dificuldade para alguns poderem distinguir entreos conceitos e as diferenças dos termos Letramento e Alfabetização, apesar de muitos estudiosos já terem apresentado muitas reflexões sobre o assunto, especialmente quando se trata de uma educação voltada para os Jovens e Adultos. Alfabetização é o processo pelo qual os alunos são submetidos ao primeiro contato com as letras, compreendendo o significado delas, já o letramento possui uma função mais ampla. “Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de uma sociedade” (TFOUNI, 1995, p. 20).

De um modo geral, a alfabetização é considerada como um fator fundamental para a comunicação. Ser alfabetizado torna o cidadão ativo na sociedade em todos os aspectos. A alfabetização é entendida como o ensino/aprendizagem do alfabeto e as maneiras de como utilizá-lo. Diz respeito à compreensão e ao domínio do código

escrito em torno das relações entre os grafemas e os fonemas. De acordo com Soares(2003),é através da alfabetização que o ser humano conhece as letras e compreende a gramática e as suas transformações. Quando alfabetizado, o indivíduo é capaz de ler, compreender, se comunicar e se expressar com mais clareza, interagindo socialmente, assimilando e transmitindo conhecimentos e culturas.

Letramento é mais do que aprender a ler e a escrever, é aprender de uma maneira contextualizada e conseguir relacionar diversos assuntos que estão no cotidiano. Muitas pessoas são alfabetizadas, porém não sabem fazer uso correto da leitura e da escrita. Não basta aprender o alfabeto, é necessário compreender, avaliar e apreciar a escrita e a leitura. O letramento compreende tanto as técnicas da alfabetização quanto o aspecto de convívio e hábito de utilização da leitura e da escrita.

As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem a competência para usar a leitura e a escrita para envolver-se com as práticas sociais de escrita: não leem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário, sentem dificuldade para escrever um simples telegrama, uma carta, não conseguem encontrar informações num catálogo telefônico, num contrato de trabalho, numa conta de luz, numa bula de remédio. (SOARES, 1998, p. 45-46)

Há possibilidade de um indivíduo ser alfabetizado e não ser letrado ou vice-versa. Um bom exemplo é a ausência de leitura presente na vida da maioria dos brasileiros. São alfabetizados, porém não leem, não praticam a leitura e a escrita e alguns até não conseguem sequer redigir textos com o mínimo de coesão e coerência. É necessária a compreensão da distinção entre aprender o código e ter a habilidade de usá-lo, assim como não se deve esquecer também que letramento e alfabetização são indissociáveis e têm as suas especificidades.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco (...). Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das 20 relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2003, p. 10)

Ainda consoante Soares (2003),aalfabetização só tem sentido satisfatório quando desenvolvida no contexto de letramento, ou seja, através das práticas sociais de leitura e de escrita; o letramento, por sua vez, só pode se desenvolver por meio da alfabetização, ou seja, da aprendizagem do sistema de escrita.Se

aalfabetização cuida da construção de sentidos, o letramento preocupa-se em utilizar a língua escrita nas práticas sociais. A alfabetização e o letramento são indispensáveis, porque impulsionam a inserção ou reinserção do aluno/cidadão na vida em sociedade.

Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que vimos enfrentando nesta etapa da escolarização; descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando no reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo ao mundo da escrita. (SOARES, 2004, p. 12)

Nesse sentido, não se trata de escolher entre a alfabetização ou o letramento, mas de alfabetizar letrando. Envolve fatores, tais como: a aprendizagem da língua escrita contextualizada, codificação e decodificação, a construção de sentidos, a diferença entre oralidade e escrita, as variações da língua, a função e o uso nas práticas sociais. Na EJA, assim como na educação infantil, deve-se em sala de aula valorizar tanto os aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos e sintáticos da língua escrita como o uso e as funções sociais dela, ou seja, cuidar da dimensão linguística sem excluir o letramento.

30 ENSINO-APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Ensinar a jovens e adultos requer uma metodologia diferenciada, visto que eles já possuem opiniões próprias e experiências adquiridas no decorrer da vida, além de professores devidamente capacitados, com formação inicial e continuada para desenvolverem com os alunos um trabalho significativo que os incentive a continuar estudando. A seguir, desenvolvemos um estudo sobre o perfil dos alunos e dos profissionais da EJA, além das práticas educativas em sala de aula e de como deve ser feito o planejamento para essa modalidade de ensino.

3.1 Quem são os alunos da EJA?

O perfil dos alunos da EJA é diferente daqueles que têm a oportunidade de estudar na “idade convencional”, com metodologias, conteúdos e materiais didáticos distintos. Isso porque os alunos da EJA são, na maioria dos casos, pessoas que trabalham, que possuem a responsabilidade de sustentar a sua família e/ou criar

seus filhos que, por diversos motivos, não se alfabetizaram ou não concluíram a educação básica no tempo devido.

Não saber ler e escrever causa certa “vergonha” para alguns jovens e adultos, especialmente nos dias de hoje, com tantos recursos virtuais acessíveis para todos. Em alguns casos, aprender a assinar o próprio nome já seria o suficiente. As turmas da EJA são compostas por trabalhadores, desempregados, idosos, portadores de alguma deficiência, donas de casa, pais, mães, filhos, moradores rurais e urbanos, entre outros. Todos os que buscam melhorar de vida e superar os problemas que estão enraizados no analfabetismo (baixos salários, desemprego, péssimas condições de vida, etc.).

Apesar da falta de tempo, muitos estão nessa modalidade de ensino para obterem uma formação rápida e, conseqüentemente, um crescimento no trabalho e uma melhor remuneração; assim como os que possuem limitações intelectuais, mas, mesmo assim, enfrentam a sala de aula para ascenderem socialmente; os que estão em busca do primeiro emprego os que só agora entenderam a importância do estudo e correm contra o tempo; para não ficarem sozinhos em casa; para acompanhar algum filho ou neto; para simplesmente ter com quem conversar ou até mesmo para lanchar/jantar. Alguns nunca foram à escola quando crianças ou tiveram que desistir no meio do ano letivo pela necessidade de trabalhar.

De acordo com Kleiman (1995), os discentes da EJA quase sempre pertencem a uma mesma classe social, com baixo poder aquisitivo, usufruem apenas do básico para sobreviver, sendo que a maior fonte de informação e lazer que possuem é a televisão. Esses alunos fazem parte de um quadro de desfavorecimento social e a procura pela escola está ligada às decisões que envolvem suas perspectivas pessoais, motivação, com expectativa de conseguir um emprego melhor, aumentar a autoestima, satisfazer suas necessidades particulares e, assim, integrar a sociedade letrada da qual tem o direito, mas que muitos não fazem parte.

Existem aqueles que estudam por não terem conseguido se manter disciplinados no ensino regular; alguns não têm responsabilidades, não levam o estudo a sério e se prejudicam no processo de ensino aprendizagem. Outros são repetentes por muitas vezes e vão para a EJA para escapar dos constrangimentos. Além daqueles que veem a escola apenas como um espaço de socialização. Muitos possuem baixa autoestima, consequência de todo um histórico

pessoal e de exclusão da sociedade, isso gera certo bloqueio, pois eles se sentem nervosos e têm vergonha de fazer ou responder perguntas em sala de aula.

A grande maioria dos alunos da EJA é marcada pela exclusão social. São sujeitos marginalizados, privados do acesso ao letramento, excluídos do sistema de ensino e, assim, deixam de ter uma participação mais ativa na sociedade. Estão inseridos no mundo moderno, burocrático, escolarizado, industrializado, porém trabalham em ocupações que não são qualificadas e sem o devido reconhecimento, especialmente, financeiro.

O sistema educacional de um país deve se ajustar às necessidades dos alunos. Os alunos da EJA veem nessa modalidade de ensino uma oportunidade de crescimento, de inserção, de melhoria de vida. Eles decidem estudar para serem mais atuantes na sociedade, esperam algo além do aprendizado da leitura e da escrita. Esse aluno quer ganhar espaço, entender mais e melhor sobre tudo o que lhe cerca, realizar-se pessoalmente e profissionalmente e sentir-se mais preparado para encarar o mundo moderno e repleto de possibilidades.

É importante frisar que os conhecimentos prévios desses alunos devem ser considerados e levados para dentro da sala de aula, visto que, na maioria das vezes, o aluno da EJA é um jovem ou adulto, com responsabilidades, experiências, opiniões e crenças já formadas. É necessário trazer estes saberes para sala de aula, possibilitando uma educação mais plural, heterogênea e complexa, isto é, que respeita as diferenças de cada um e estimula um conhecimento crítico de si mesmo e do ambiente em que se está inserido.

3.2 O Papel do Alfabetizador

Para Freire (1979), uma das funções da educação dirigida a jovens e adultos consiste em “humanizar o homem”. O profissional da EJA deve ter a consciência de que a questão não é acabar com o analfabetismo e muito menos apenas oferecer um certificado de conclusão, a sua atuação é a de mediador no processo de construção do conhecimento, fazendo uso de métodos diferenciados das outras modalidades de ensino e construindo uma relação especial entre docente/discente.

O professor é um educador e, não querendo sê-lo, torna-se um deseducador. Professor/instrutor qualquer um pode ser, dado que é possível ensinar relativamente com o que se sabe; mas professor/educador

nem todos podem ser, uma vez que só se educa o que se é! (GADOTTI, 2000, p.71-72).

A Educação de Jovens e Adultos não deve estar baseada, simplesmente, em métodos, codificações e regras, mas na formação de cidadãos com autonomia, criticidade, reflexão e com condições de encarar uma sociedade que exclui e marginaliza as vítimas do analfabetismo.

Infelizmente, muitos dos professores que são colocados na EJA não apresentam o perfil adequado para assumirem a função. Estão apenas para completar a carga horária ou melhorar o orçamento salarial, sem nenhuma preocupação com o desempenho do aluno, com o seu crescimento e assimilação de conhecimentos. Outra questão importante é a falta de recursos didáticos apropriados para a alfabetização de jovens e adultos. Muitos professores precisam elaborar o material que utilizará em sala de aula, mesmo sem a devida formação. Desse modo, alguns professores acabam por utilizar os mesmos métodos do ensino regular, prejudicando, muitas vezes, uma melhor aprendizagem por parte dos alunos da EJA.

É válido destacar que o alfabetizador precisa de qualificação, deve conhecer as normas e leis que são elaboradas para auxiliar os jovens e adultos na reinserção do sistema de ensino, pois, tendo domínio sobre o objeto do estudo, o profissional poderá desenvolver estratégias adequadas que facilitem a compreensão e a aquisição do saber de cada um, proporcionando um ambiente prazeroso, dinâmico, participativo e estabelecendo uma boa relação entre professor/aluno. Com um olhar clínico, ou seja, com a devida capacitação e com dedicação pelo que faz, e conhecendo e considerando a bagagem da turma, ele perceberá as dificuldades e conseguirá ajudar na superação delas.

Um profissional da EJA não deve limitar-se ao ensino mecânico da leitura e da escrita, mas estimular a compreensão, o prazer, o olhar crítico dos alunos sobre a leitura. É natural que os adultos precisam ser incentivados, estimulados a permanecerem estudando, cabe ao professor utilizar as metodologias necessárias para não permitir que os problemas e o cansaço diário afetem no desenvolvimento dos alunos, isso inclui um material didático adequado, planejamento, conteúdo curricular, numa boa aula com atividades que possibilitem a interação e aprendizagem dos educandos.

O docente deve, acima de tudo, compreender que a EJA é uma modalidade de ensino capaz de transformar a vida de outras pessoas. É uma grande

oportunidade de ajudá-las a desenvolverem a capacidade de reescreverem suas histórias, vencendo preconceitos, lutando contra as dificuldades diárias e acreditando que podem vencer na vida através dos próprios méritos. O papel do alfabetizador da EJA é abrir portas para a aprendizagem e socialização.

3.3 As práticas Educativas e Pedagógicas da EJA

Mesmo com o passar dos anos e com as inúmeras discussões acerca da educação de jovens e adultos, a questão em torno das práticas que devem ser desenvolvidas na EJA ainda é um problema que preocupa os educadores, especialmente no que diz respeito aos métodos inadequados que são utilizados por muitos professores e a forma como eles se comportam em sala de aula. Conforme Souza (2007), é imprescindível que as instituições levem em consideração, no processo educativo, os muitos estudos para se alcançar uma práxis que possibilite uma aprendizagem significativa, que considerem o contexto em que cada indivíduo está inserido.

Uma metodologia que entra em contato com a realidade do aluno facilita o processo de ensino-aprendizagem, visto que ele se sente à vontade para questionar e estabelecer discussões sobre determinados conteúdos, levando-o a um pensamento crítico-reflexivo e podendo lhe possibilitar um novo olhar sobre o meio que o cerca e, dessa maneira, contribuir de maneira eficaz na sua formação educacional. Dentro desse contexto, Pinto (2000), afirma que:

No âmbito das técnicas de ensino, é possível apresentar ao educando imagens de seu próprio modo de vida para que ele possa observar, discutir e abrir caminho para a reflexão crítica. Dessa forma, a "alfabetização decorre como consequência imediata da visão da realidade, associando-se a imagem da palavra à imagem de uma situação concreta". (p. 99)

Desenvolver práticas adequadas aos jovens e adultos é um desafio que compete ao educador, que precisa rever os seus conceitos e a sua maneira de trabalhar, visto que tudo isso reflete de maneira positiva ou negativa na vida do aluno. É indispensável que o professor dessa modalidade de ensino seja um educador democrático, que saiba explorar o lado crítico dos alunos, entendendo as necessidades, respeitando as diferenças e a vasta experiência de vida deles. "Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (FREIRE, 1996, p. 47).

Transmitir um conteúdo pronto, de maneira mecânica, muitos podem fazer, mas ensinar vai muito além, trata-se de estimular o educando a pensar criticamente, permitindo que ele faça indagações ou até mesmo discorde do que está sendo apresentado. Sobre a competência e a responsabilidade do educador, Freire apresenta contribuições importantes, quando afirma que,

ensinar exige respeito aos saberes dos educandos [...]. Ensinar exige disponibilidade para o diálogo [...]. Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural [...]. Ensinar exige a apreensão da realidade [...], transformar a realidade para nela intervir, recriando-a [...]. Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade [...]. O fundamental no aprendizado do conteúdo e a construção da responsabilidade, liberdade que se assume [...]. (FREIRE, 1996, p. 7-8, apud LEMOS, 1999, p. 20)

As práticas pedagógicas, a didática e os participantes de todo o processo de ensino e aprendizado (educador, educando, escola, família) necessitam estar unidos na construção do conhecimento dos alunos, contribuindo para que o educando apresente as suas dificuldades e limitações e o educador apresente um ensino criativo e eficaz, que responda às suas expectativas e seja de qualidade. Segundo Leitão (2004), as práticas pedagógicas precisam ser bem planejadas e fundamentadas no intuito de motivar o aluno, levando o mesmo a desenvolver a criticidade e a reflexão, mostrando que, apesar do preconceito, houve avanços no que se refere à Educação de Jovens e Adultos no Brasil.

Algumas vezes, pela idade ou pelo pouco tempo de estudo, alguns alunos da EJA precisam de um incentivo, gostariam de ouvir uma palavra amiga, sentir-se interessante, útil; muitos estão frequentando as aulas pela vontade de mudar a sua realidade sofrida e o professor pode buscar conteúdos apropriados para que eles se sintam acolhidos, compreendidos, envolvidos e mais interessados pela permanência na escola. O professor deve estar sempre atento às necessidades do aluno, olhar para ele, procurando entendê-lo, ouvi-lo, além de discutir com outros profissionais da educação meios de facilitar a aprendizagem deles.

O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser "educado", vai gerando coragem. (Freire, 1996, p. 25)

Ser um professor da Educação de jovens e adultos é ir de encontro ao universo e cotidiano dos alunos, é explorar o que eles têm de melhor, quebrar mitos e preconceitos e prepará-los de uma maneira diferenciada para vida. Não basta respeitar as dificuldades dos educandos, é preciso buscar métodos que deem

condições para que eles permaneçam em sala de aula, não abandonem os estudos apesar das limitações. Para isso é necessário que o professor faça uma reflexão crítica sobre a sua prática bem como um planejamento que proporcione aos educando uma aprendizagem significativa e prazerosa.

3.4 Planejamento dos professores da EJA: algumas considerações

O ato de planejar é sempre processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação; processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego de meios materiais e recursos humanos disponíveis visando a concretização de objetivos em prazos determinados e etapas definidas, a partir dos resultados das avaliações. (PADILHA, 2001 p.30)

Organizar o planejamento para alunos da EJA é diferente do que é feito para crianças, isso porque é necessário levar em consideração as experiências da turma. Nesse sentido, o papel do professor é planejar suas aulas de modo que ajude o educando a perceber de forma mais sensível o mundo que o cerca, apresentando-lhes possibilidades para que consigam solucionar questões do cotidiano com mais facilidade. Mesmo não sendo alfabetizado, o aluno da EJA é conhecedor de muitos assuntos, portanto não deve ser tratados como criança. A metodologia deve e precisa ser diferenciada, de modo que o aluno pense de forma crítica e se torne um cidadão autônomo.

O planejamento deve ser um processo de decisão que norteia a ação educativa. 'No caso da educação de jovens e adultos, o planejamento precisa levar em conta as exigências do contexto social no qual estão inseridas, as características de cada grupo, suas aspirações, projetos e necessidades.' (CALHÁU, 1999, p. 53).

Trabalhar na EJA exige do docente um conhecimento maior sobre as expectativas, as características e necessidades de aprendizagem dos discentes. Respeitar a realidade do aluno é fundamental em todos os segmentos de ensino, mas ganha uma importância ainda maior quando eles já são experientes. Ambrosio (1998) diz que a responsabilidade do professor é maior do que ensinar a sua disciplina, consiste na formação do cidadão. Desse modo, ele deve refletir sobre como pode contribuir para o crescimento pessoal dos discentes, dominando técnicas e metodologias que consigam adentrar o universo dos educandos, fazendo-os compreender que sua busca por conhecimento contribui para melhoria de suas vidas.

É necessário aproximar o currículo escolar ao cotidiano dos alunos, propondo conteúdos que estimulem debates e questionamentos sobre o tema que eles conhecem, justamente por fazer parte do seu mundo. Um planejamento adequado para essa modalidade de ensino visa a uma aprendizagem significativa, estimulando a permanência do aluno no sistema educacional com uma avaliação crítica sobre a atuação do professor.

[...] o professor deve ter sempre em mente de que o seu papel é o de agente de transformação social e como tal pode, pela educação, combater, no plano das atitudes, a discriminação manifestada em gestos, comportamentos e palavras, que afasta e estigmatiza grupos sociais. Cabe ao professor construir relações de confiança para que o aluno possa perceber-se e viver, antes de mais nada, como ser social. (JATOBÁ, 1999, p. 95-96).

Um fator que deve ser considerado diz respeito à “organização didático-pedagógica que não atende de maneira pertinente a essa modalidade de ensino e ao perfil dos alunos, inibindo os processos educativos e que dificulta o desenvolvimento de um planejamento adequado às necessidades dos alunos da EJA”.³ Alguns professores sentem dificuldades de explorar os materiais pedagógicos específicos para essa modalidade e acabam por ignorá-los e infantilizar o processo de ensino, reproduzindo o mesmo planejamento da educação para as crianças. É preciso que, no decorrer do planejamento, o professor tenha uma postura avaliativa sobre si mesmo, verificando se o seu trabalho e prática pedagógica estão corretos e atingindo os objetivos propostos.

Vale salientar a importância da formação inicial em nível de graduação e o exercício da formação continuada desses professores, possibilitando uma base teórica consistente para a capacitação de seu serviço e atualização dos conteúdos curriculares de ensino. “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 39).

O educador não pode focar apenas nos conteúdos, mas atuar de forma reflexiva. “A noção de professor reflexivo baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhe são exteriores” (ALARCÃO, 2004, p. 41). O educador precisa estar aberto a mudanças, trabalhando com comprometimento e dedicação para ter o resultado desejado. Fuck (1993, p.

³Disponível em: Diálogos Pertinentes. Revista Científica de Letras. O papel do docente na educação de Jovens e Adultos. v. 9 • n. 1 • p. 65-90 • jan./jun. 2013.

92) afirma que o professor deve “acreditar na capacidade de aprender de cada um, que constitui fator preponderante para o resgate da autoconfiança, indispensável na aprendizagem”.

De acordo com a LDB 9394/96 (art. 32), as exigências do ensino da EJA deverá ter por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I. o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II. a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III. o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV. o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. O ensino médio, conforme a LDB, tem como finalidades: I. a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; II. a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III. o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; e prática. (BRASIL, 1996,pg 23)

Em um planejamento adequado para a EJA é preciso criar condições para que os jovens e adultos desenvolvam suas competências de comunicação, suas capacidades de utilização da língua de modo adequado ao contexto, além de fortalecer neles a importância de saber ouvir, desenvolvendo o respeito mútuo de suas capacidades de interação; além disso, é preciso valorizar a cultura e o conhecimento, eliminando discriminações e ensinando-os a fazer uso de seus direitos e conhecer os seus deveres.

Contudo, o êxito nas atividades desenvolvidas na EJA não depende apenas da atuação do professor, mas do apoio da direção da escola, da gestão municipal e de toda a comunidade escolar. É preciso a colaboração e confiança de todos para que haja um trabalho eficaz sob um clima familiar, proporcionando uma maior interação da escola com a comunidade e uma aprendizagem significativa para os alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário de outras políticas de alfabetização de adultos, a EJA não deve limitar-se a certificação do ensino ou a inserção do indivíduo no mercado de trabalho, ela tem o compromisso de formá-lo para a vida, dando a ele o direito de intervir na

sociedade na qual está inserido, tornando-o cidadão criativo e consciente dos seus direitos e deveres.

Com base nos recortes históricos estudados para melhor conhecimento da Eja no Brasil, verificou-se que a EJA enfrentou muitos obstáculos, isto no nosso entender leva a consequências tais e podemos inferir que para que pudesse ser então concretizada e possibilitasse a mudança na vida de muitas pessoas. Deixou de ser um ensino tradicional e passou a se preocupar com a formação do indivíduo, colaborando e proporcionando o crescimento do aluno através de um ensino qualificado e prazeroso.

Os sujeitos dessa pesquisa, em algum momento, foram excluídos da escola. A EJA surge para fazer com que eles voltem para ela e acreditem novamente na própria capacidade e permaneçam no ambiente escolar para a conclusão de seus estudos. Nesse sentido, afirmamos que a educação é um ato político, pois a EJA apresenta os reflexos da transformação social, proporcionando o esclarecimento de dúvidas, medos e questões, ampliando o desenvolvimento intelectual dos indivíduos e tornando-os capazes de modificar o seu futuro.

Pensar na Educação de Jovens e Adultos é compreender que a aprendizagem se dá de forma contínua ao longo da vida, é analisar a realidade social, cultural e econômica dos indivíduos que participam dessa modalidade e criar uma metodologia que se identifique com as características da própria EJA, oferecendo assim uma educação de qualidade para as pessoas que não se sentem inseridas na sociedade pela ausência dos estudos, além de contribuir com a formação desses cidadãos.

O docente é o mediador do conhecimento, portanto, cabe ao educador da EJA compreender a responsabilidade educacional e social que lhe é dada e refletir sobre a sua prática pedagógica, analisar seus erros e acertos, buscar capacitações, de modo que possa facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Este trabalho contribuiu de maneira significativa para o meu crescimento pessoal e profissional, pois proporcionou um grande aprendizado sobre o surgimento e o desenvolvimento da EJA e como ela pode ajudar na formação de muitas pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar no tempo adequado. Espero que ele também contribua para estudos relacionados à Educação de Jovens e Adultos.

É indispensável que haja uma conscientização por parte do governo, das instituições escolares e da comunidade de um modo geral, sobre a importância da EJA e a formação continuada dos professores que estão à frente dessa modalidade de ensino. Sem um ensino adequado, não há como desenvolver um trabalho que propicie uma aprendizagem significativa para os educandos.

Por fim, essa pesquisa pretendeu evidenciar a importância da EJA como uma modalidade de ensino que tem o intuito de inserir alunos que foram impedidos de concluir os estudos no tempo devido, dando-lhes a oportunidade de voltarem à sala de aula, adquirirem conhecimentos e, assim, poderem transformar a realidade em que vivem.

No meu entender este trabalho contribuiu de maneira significativa para o meu crescimento pessoal e profissional, pois proporcionou um grande aprendizado sobre o surgimento e o desenvolvimento da EJA e como ela pode ajudar na formação de muitas pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar no tempo adequado. Espero que ele também contribua para estudos relacionados à Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

The EJA is a modality of education that allows young people and adults to have access to their studies and to complete their schooling. However, in order for Youth and Adult Education to assume an inclusive character, it must provide individuals with meaningful learning through appropriate methods and trained teachers to convey the contents of the curriculum in a correct manner and, in addition to literacy, to train active citizens and participants in the society. This study presents a reflection about this modality of education, seeking improvements in the process of education of young people and adults and trying to know to what extent this education is capable of changing the lives of people who feel excluded from society at the present time. Through a qualitative research, this study serves as knowledge and identification of how it happens the education of youth and adults - EJA and what is its contribution in the learning and in the life of the students in the sense to reflect and to review the methodology applied and the true one Role of schools in society. For that, we sought the knowledge of theorists that approach aspects of Youth and Adult Education, such as: Freire(1996), Soares(2002), Moura(2011), Kleimman(1995), among others.

Keywords: EJA. Methodology. Education. Meaningful Learning.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Escola reflexiva e supervisão**: uma escola em desenvolvimento e aprendizagem. Porto Alegre: Porto, 2004.

AMBROSIO, U. D'. **Tempo da escola e tempo da sociedade**. In: SERBINO, R. V. et al. Formação de professores. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998 – (Seminários e Debates), p. 239-249.

BELLO, José Luiz de Paiva. Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL. **História da Educação no Brasil. Período do Regime militar**. Pedagogia em foco, Vitória 1993, Disponível em < <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb10a.html>>. Acesso em: 02/03/2017.

BRASIL. Constituição: 1988: texto Constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 15/96 e Emendas constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1996.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9394/96 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa/ ministério da educação secretaria de educação fundamental. 3ª edição, 2001.

CALHÁU, M. do S. M. **Planejamento e avaliação**. In: Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, v. 10, p. 53-61, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: **saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUCK I. T. **Alfabetização de adultos: relato de uma experiência construtivista**. Petrópolis: Vozes, 1993.

GADOTI, Moacir e Romão, José E. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

JATOBÁ, A. L. P. et al. Escola Pública: espaço de compromisso ético. In: **Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos**. Brasília, v. 10, p. 89-96, 1999.

KLEIMAN, Angela. **Modelos de Letramento e as práticas de alfabetização na escola** In:

_____. (org.) **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p.15-59.

LEITÃO, Cleide Figueiredo. **Buscando Caminhos nos Processos de Formação/Auto Formação**. Rev. Bras. Educ., Dez 2004, no.27, p.25-39. ISSN 1413-2478. Disponível em: . Acesso em 05/03/2017.

LEMOS, M. E. P. de. **Proposta curricular**. In: Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, v. 10, p. 19-27, 1999.

MOURA, T. M. M. **A Prática Pedagógica de Alfabetizadores de Jovens e Adultos: Contribuições de Freire, Ferreira e Vygotsky**. Maceió: EDUFAL, 2001.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

PINTO, Alvaro Vieira. **SETE LIÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE ADULTOS**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento, caminhos e descaminhos**. Pátio, nº. 29. Ano VII, editora Artes Médicas Sul Ltda, 2004.

_____. **Alfabetização e letramento**. São Paulo Ed.6. São Paulo:Contexto,2011.

SOUZA, Maria Antônia de. **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**. 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2011.

TFOUNI, L.V. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. Campinas: Pontes, 1988.

_____. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.